

# *Dificuldades no desenvolvimento motor e a orientação e mobilidade da criança cega*

Sonia B. Hoffmann\*

## 1. INTRODUÇÃO

---

As crianças portadoras de cegueira bilateral congênita apresentam, em sua grande maioria, um atraso considerável em seu desenvolvimento neuropsicomotor global quando não são estimuladas, por seus familiares à realização de movimentos estáticos e dinâmicos ou, então, quando deixam de ser integradas em programas adequados de Intervenção Essencial nos primeiros anos de sua vida ou, também, em atividades de educação física.

O atraso na aquisição e no desenvolvimento das habilidades de motricidade ampla e fina mais complexas e das informações perceptivo-motoras acarreta, para a criança e sua estrutura familiar, grandes prejuízos que vão desde uma estagnação evolutiva até a fragmentação ou rompimento de vínculos afetivos e sociais, implicando direta formação de uma postura debilitada, inadequação em sua Orientação e Mobilidade e carências cognitivas.

O tema "Desenvolvimento Motor", contudo, é de bastante complexidade, pois envolve diversas condições, aspectos, transformações e conseqüências na ou para a evolução da criança como sujeito psicomotor e do seu ambiente familiar, social e físico.

Por este motivo e com o objetivo de salientar os danos que algumas variáveis podem ocasionar ao desenvolvimento motor infantil e enfatizar os efeitos positivos da Orientação e

Mobilidade, trataremos, na fase inicial deste artigo, sobre alguns dos fatores responsáveis pela dificuldade ou impossibilidade do desenvolvimento da motricidade ampla e fina apresentada pelas crianças cegas congênicas e, posteriormente, focalizaremos o processo de Orientação e Mobilidade, conceituando seus elementos e apontando alguns dos benefícios trazidos a essas crianças.

## 2. FATORES PREJUDICIAIS NO DESENVOLVIMENTO MOTOR DA CRIANÇA CEGA CONGÊNITA

---

A criança cega, como as demais pessoas, possui a necessidade do movimento nos mais variados graus de amplitude, nas diferentes formas de experimentação e execução e nos mais diversos estágios da maturação e especialização da atividade motriz.

A partir dele, a criança auto-organiza-se e é capaz de chegar ao controle de suas ações motoras (Gallahue, 1995), estabelecer e integrar, dinamicamente, os conhecimentos e possibilidades motoras do seu corpo e do mundo que a rodeia e, ainda, relacionar a realização dessas habilidades aos seus próprios sentimentos e às reações afetivas e sociais das outras pessoas.

Essas experiências motoras e as vivências emocionais são obtidas, segundo Lapiere e Aucouturier (1988), principalmente pela busca da criança em viver o seu corpo, estabele-

cendo relações com o mundo, com os outros, com os objetos e com o espaço.

Há, contudo, diversos fatores que podem interferir desfavoravelmente tanto na obtenção dessas informações, conhecimentos ou das habilidades motoras quanto na maturação, organização e qualificação dessas aquisições, provocando uma estagnação ou desorganização do comportamento infantil e são apontados, por muitos autores, como pertencentes a ordens intrínsecas e extrínsecas à criança, ou seja: psíquicas, cognitivas, físicas e ambientais.

Essas intervenções prejudiciais ocasionam, especificamente para a criança portadora de cegueira congênita, efeitos sequenciais cíclicos, cumulativos e progressivos se alguma medida eficiente não for providenciada a tempo.

Com a ausência da visão, a criança pode, muitas vezes, desconhecer a presença de objetos ou de pessoas no ambiente e, por isso, apresentar menor motivação ou incentivo para movimentar-se e, até mesmo, para deslocar-se com o objetivo de uma aproximação de algum brinquedo, familiar, local, objeto ou animal.

A presença de referencial ou fonte sonora produzida por uma pessoa, animal ou objeto também pode desencadear, ou não, a organização funcional de uma ação ou gesto motor. Porém, conforme Bruno (1993), as reações de busca das informações de forma auditiva, realizadas pelas crianças cegas, não ocorrem automaticamente e o reconhecimento do estímulo sonoro depende da posição e da distância que ele se encontra no espaço.

Outro ponto de dificuldade para o seu progresso motor é a reduzida ou pobre vivência corporal e de movimentos da criança. Em muitos casos, a ela simplesmente não são oferecidas oportunidades para exploração, experimentação e execução de movimentos, sendo restringida a espaços ou a modelos motores já conhecidos, impedindo-se, assim, sua possibilidade de testar e instrumentalizar seu corpo ou, então, de assimilar novos hábitos e (in)formações cinestésicas, afetivas, intelectuais e sociais.

A superproteção, a subestimação ou a marginalização da criança amaurótica (por sen-

timentos e comportamentos de seus familiares, de profissionais ou de outras pessoas e, mesmo, devido a obstáculos arquitetônicos) podem ser motivos suficientes para a inibição ou restrição das suas aquisições psicomotoras, das suas atitudes diante dos acontecimentos e para a sua execução de tarefas, gerando, provavelmente, sentimentos de baixa auto-estima, insegurança, apatia e indiferença por parte da criança em relação a si e ao seu corpo.

Assim, elas acabam por fecharem-se em si e em seu micromundo já conhecido, viabilizando-se, dessa forma, a instalação e adoção de condutas motoras e lingüísticas estereotipadas significativas e, conseqüentemente, a formação de posturas inadequadas.

Desmotivada, sem autoconfiança, com medo, sem o conhecimento total ou parcial do ato motor e com a carência de modelos visuais que lhe possibilite a imitação e/ou a antecipação de comportamentos e ações, a criança com cegueira bilateral congênita tem a possibilidade de apresentar uma tendência para o bloqueio de seus movimentos em situações e locais que lhe são desconhecidos, obstaculizando seu processo de Orientação e Mobilidade e, em decorrência, sua integração.

### 3. O PROCESSO DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE

É durante a infância que a grande maioria dos elementos e informações sobre os outros, o ambiente e o Eu são e ficam incorporados e integrados à estrutura psicomotora da criança através de seu esquema corporal, memória muscular e de todo um processo somestésico.

Para as pessoas portadoras de cegueira congênita ou não, a mobilidade é considerada a maior de todas as perdas, levando a uma falta ou restrição de sua independência e, como afirma Moura e Castro (1994, p.17), "a falta de independência do cego condiciona, por sua vez, o seu estilo de vida..."

Mobilidade pode ser definida como a habilidade da pessoa deslocar-se, com eficiência, segurança e de forma intencional, da posição em que se encontra, para uma outra desejada, reagindo a estímulos internos e ex-

ternos através de técnicas apropriadas de proteção e exploração.

Por outro lado, a Orientação é entendida como o processo da utilização dos sentidos remanescentes (principalmente os sentidos da audição, tato e olfato) com o objetivo de estabelecer sua posição e seu relacionamento com as pessoas e/ou os objetos significativos do ambiente.

A Orientação e Mobilidade (OM), em um processo associado, pode então ser definida como um conjunto de capacidades desenvolvidas e técnicas apropriadas e específicas que permitem aos portadores de deficiência visual (cegos ou com visão subnormal) conhecer, relacionar-se e deslocar-se de forma independente e natural, nos mais diversos espaços e situações.

A OM é de importância vital para aqueles que apresentam a cegueira pelos grandes e profundos benefícios de ordem cognitiva, psicológica, física e social que apresenta.

No aspecto cognitivo, a criança com cegueira congênita pode encontrar no processo de Orientação e Mobilidade uma maneira de elaborar conceitos de tempo e espaço — principalmente aquele que a criança não é capaz de alcançar com seus braços, percebendo-o somente através de informações auditivas, propriocepção e movimento (Ochaita; Rosa, 1995), estabelecer correlações entre esses conceitos e os acontecimentos do meio ambiente, ampliar as perspectivas escolares, culturais e (in)formativas, entre outros progressos.

Psicologicamente, há uma contribuição positiva para a melhoria de seu autoconceito, auto-estima, segurança e domínio pessoal, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade e sua integração física, funcional e social.

Quanto ao aspecto físico, a OM permite toda uma exercitação do corpo, desenvolvendo a capacidade fisiológica e a motricidade ampla e fina, impedindo a formação e instalação de desvios ortopédicos e posturas inadequadas, melhorando, entre outros, o equilíbrio, a coordenação e as habilidades perceptivo-motoras.

Socialmente, esse processo de OM oportuniza e facilita à criança cega situações de relacionamento, sociabilização e de cumprimento (o mais autonomamente possível) de tarefas da sua vida diária. Ao mesmo tempo, favorece a sensibilização e conscientização dos outros e da sociedade sobre as reais capacidades e potencialidades da pessoa cega.

#### 4. CONCLUSÃO

As crianças portadoras de cegueira bilateral congênita apresentam, quando não estimuladas a realizar movimentos, importantes atrasos em seu desenvolvimento motor global, comprometendo intensamente, em alguns casos, a aquisição, organização e a especialização das habilidades de motricidade ampla e fina mais complexas e das informações perceptivo-motoras e emocionais.

Em conseqüência, essas crianças e a estrutura familiar podem deparar sérios problemas em sua qualidade de vida, prejuízos que vão desde a instalação de uma passividade motora, dificultando ou impossibilitando a incorporação de novos movimentos e hábitos em seu comportamento, até a fragmentação ou o próprio rompimento de vínculos em sua vida relacional.

Os fatores que interferem desfavoravelmente no desenvolvimento dessas crianças podem ser, conforme diversos autores, de ordem intrínseca ou extrínseca a elas: físicas, ambientais, psíquicas e cognitivas. Porém, esses fatores e seus efeitos atuam de forma seqüencial, cíclica, cumulativa e progressiva, de maneira que a criança, com o tempo, pode encontrar dificuldade para viabilizar seu processo de orientação e de locomoção no espaço.

O desenvolvimento motor está intimamente relacionado ao processo de Orientação e Mobilidade das crianças cegas, pois ele solicita determinadas destrezas e habilidades motoras e perceptivas a fim de se tornar um instrumento eficiente de desenvolvimento e de integração. Assim, a OM é de extrema importância para essas crianças pelos grandes benefícios de ordem cognitiva, psicológica, física e social que oferece.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANACHE, Alexandra Ayach. *Educação e deficiência: estudo sobre a educação da pessoa com "deficiência" visual*. Campo Grande: CECITEC/UFMS, 1994.
- BRASIL. Secretaria da Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial*. Brasília: SEESP, 1994.
- BRUNO, Marilda Moraes Garcia. *O desenvolvimento integral do portador de deficiência visual*. São Paulo: Newswork, 1993.
- CANTAVELLA, Francesc; LEONHARDT, Merce; ESTEBAN, M. Angels et al. *Introducción al estudio de las estereotipias en el niño ciego*. Barcelona: Masson, ONCE, 1992.
- CARROLL, Thomas J. *Cegueira: o que ela é, o que faz e como conviver com ela*. São Paulo [s.n.], 1968.
- CONFERENCIA INTERNACIONAL DE MOVILIDAD, 6., 1991, Madrid. *Actas...* Madrid: ONCE, 1991. 2v.
- FREIBERG, Selma. *Niños ciegos: la deficiencia visual y el desarrollo de la personalidad*. Madrid: Instituto Nacional de Servicios Sociales, 1977.
- FUNDAÇÃO Educacional do Distrito Federal. Departamento de Psicologia. *Complementação curricular específica para a educação do deficiente da visão: orientação e mobilidade*. Brasília: 1994.
- GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C. *Understanding motor development: infants, children, adolescents, adults*. 3. ed. Madison: Brown & Benchmark, 1995. p.160-163.
- LAPIERRE, A.; AUCOUTURIER, B. *A simbologia do movimento: psicomotricidade e educação*. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- LOWENFELD, Berthold. *Our blind children: growing and learning*. 2. ed. Springfield: Charles C. Thomas, 1964.
- LUCERGA REVUELTA, Rosa. *Palmo a palmo: la motricidad fina y la conducta adaptativa a los objetos en los niños ciegos*. Madrid: ONCE, [s.d.]
- MASINI, Elcie F. Salzano. *O perceber e o relacionar-se do deficiente visual: orientando professores especializados*. Brasília: CORDE, 1994.
- MELO, Helena Flávia R. *Deficiência visual: lições práticas de orientação e mobilidade*. Campinas: UNICAMP, 1991.
- MOURA E CASTRO, José Alberto Barbosa de. *Estudo da influência da capacidade aeróbia na orientação e mobilidade do cego*. Lisboa: Secretariado Nacional de Reabilitação, 1994.
- OCHAITA, Esperanza; ROSA, Alberto. *Percepção, ação e conhecimento nas crianças cegas*. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Alvaro (org.). *Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educacionais especiais e a aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v.3, p.183-197.
- TELFORD, Charles W.; SAWREY, James M. *O indivíduo excepcional*. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

## UNITERMOS

*Motricidade, orientação e mobilidade.*

*\*Sonia B. Hoffmann é mestranda do curso de Ciências do Movimento Humano na ESEF/UFRGS.*